

A RESSIGNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NO DESVELAR DA ENTREVISTA: O SENTIDO DA IDENTIDADE POR MEIO DO CONFLITO METODOLÓGICO DA NARRATIVA DO SUJEITO JORNALISTA

DOI: 10.46848/0405221

Gerson de Souza

Resumo

A proposta deste artigo é analisar o processo de desvelar da memória dos sujeitos, por meio do método e da teoria, no percurso da entrevista. O problema principal está no seguinte dilema: Quais são as referências que permitem que o sujeito, ao narrar sua experiência de vida, refaça a experiência vivida apreendida do passado com o único objetivo de manifestar coerência no viver? Para entender essa busca da coerência, o artigo expõe, pelo método de análise cultural, duas entrevistas em que os sujeitos vão categorizando os fatos do passado para encontrar o sentido no presente.

Palavras-chave: Experiência. Identidade. Jornalismo. Memória. Análise Cultural.

1 - Introdução

Quais são as referências que permitem que o sujeito, ao narrar sua experiência de vida, refaça a experiência vivida apreendida do passado com o único objetivo de manifestar coerência no viver? O problema aqui formulado se instaura como método e teoria ao analisar os pontos do qual recorre o entrevistado por meio da memória. Há que sinalizar que, ao defender o movimento da memória, se ratifica o movimento do passado para estabelecer sentido e significado. O sujeito, ao ser indagado por dilemas de sua experiência vivida, efetiva o mergulho distante da mera apropriação mecânica, objetiva, em que os dados parecem fatos dissociados de sua realidade. Ou, que se configura como algo imanente sem a necessidade de esforço.

Há que se reconhecer que esse movimento de sentido e significado está em seu oposto do ato funcionalista. Para exteriorizar sobre o passado, o sujeito parte do desvelamento dos dilemas que perpassam sua vida no sentido do presente. É nesta temporalidade que a referência sobre o dito se estabelece como elemento narrativo. Os

fatos do passado passam a se tornar relevantes em meio aos episódios do cotidiano, como se estivessem sendo categorizados, e se restabelecem hierarquicamente em novos sentidos para produzir o significado para a vida daquele que se manifesta.

Mas a produção deste significado ao ser efetivado no mergulho do sujeito sobre o seu “eu” traz como constitutivo uma dimensão metodológica. O primeiro está na contradição dialética da historicidade do sujeito. O pressuposto aqui delineado é que a trajetória da vida do sujeito nem sempre está dimensionada em uma linha de coerência, o que não significa ausência de valores. E ao se defrontar com as suas próprias contradições a análise do sentido do viver se estabelece com a intensidade de quem mergulha para encontrar o sentido do presente. E o problema aqui se estabelece: é possível dimensionar o limite da profundidade em que o sujeito mergulha em si mesmo para atingir o sentido possível do presente em que ele restabeleça o significado dos valores para o constitutivo da experiência vivida?

A pergunta assim reiterada se avança então para o que se estabelece como problema teórico: a autoanálise nesta ressignificação de si mesmo precisa se estabelecer como novo conceito de sujeito, a partir dos impasses decorrentes da identidade. Esse, por sinal, atinge o cerne em que a pesquisa se desenvolveu com a proposta de analisar as implicações da cultura na construção da identidade do jornalista. E do ponto de vista do método se estabeleceu duas periodizações de análise: a formação teórica e a experiência profissional no cotidiano de Uberlândia¹.

A proposta deste artigo é analisar esse processo de desvelar dos sujeitos, por meio do método e da teoria, para contextualizar os dilemas da construção de identidade do ser jornalista, no cotidiano de Uberlândia, por meio da memória exteriorizada de sujeitos em entrevistas realizadas pelo método de análise cultural. As entrevistas, realizadas em 2016, reúnem 10 jornalistas, divididos entre dois grupos: os recém-formados, com menos de cinco anos, e os com maior tempo de profissão, que ultrapassa ou se aproxima dos dez anos de graduação. Os profissionais selecionados atuam nas áreas de Jornalismo Impresso, Assessoria de Imprensa, TV, Rádio e Jornalismo Digital. As entrevistas integram o material de conclusão da pesquisa.

¹ A pesquisa intitulada “As implicações da cultura na construção de identidade do jornalista: memória de formação teórica e experiência profissional no cotidiano de Uberlândia”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), aconteceu no período de 2014 a 2017, no qual atuei como coordenador.

O principal problema teórico está em se defrontar como o método da Análise Cultural, em que a dialética se estabelece como substância para o diálogo que se percorre no processo de entrevista, permite levar os sujeitos a dilemas sobre a produção de sentido do trabalho de ser jornalista. E mais do que isso: instiga a mergulhar no significado da experiência vivida na sua formação teórica e prática. Há dois dilemas que terão relevância neste artigo e que pode ser articulado em consonância com a proposta da pesquisa.

O primeiro aspecto está na reflexão sobre o olhar do sujeito sobre sua própria formação na universidade diante de suas perspectivas e expectativas de formação acadêmica. De que forma o sujeito minimiza ou reconstrói seus percursos identitários, a partir da formação teórica, quando a opção por um curso deixa à margem outras potencialidades de ser? E como esta compreensão no ato da entrevista leva ao questionamento de afirmativas no presente por reconhecer a necessidade de realizar o movimento do significado do passado?

O segundo dilema está em entender a perspectiva de caminho traçado, para o presente, de ser jornalista. As respostas concedidas pelos profissionais deixam exposto que em determinadas configurações estamos diante do ato de reação aos fatores ocorridos em dois momentos, nem sempre distantes: o processo de formação acadêmica e o impacto perceptivo do estado de sua potencialidade ao estar no mercado profissional.

O ponto defendido neste artigo está em afirmar que o movimento da memória em tornar relevante ou excluir determinados fatos está na tensa negociação do sujeito em produzir sentido entre os conflitos do passado e do presente. Parto do pressuposto de que há uma leitura reducionista sobre o passado na sociedade contemporânea, em que a memória se torna como algo recuado ou dissociado do sentido do viver a história no presente. E, por esse olhar, estaríamos longe de entender como conflito esse movimento de estabelecer coerência dos fatos vividos no passado. Esse é o fator principal: a complexidade e o sofrimento exposto pelo sujeito, que em determinados momentos desvela a incoerência na história da vida, o define como sujeito em uma relação de tensão. É nesta tensão que o presente perpassa por análise.

É possível considerar que os problemas defrontados no presente produzem o impacto de redefinir a leitura sobre o passado. É desta forma que podemos compreender

os dilemas da memória como identidade e os desafios de desvelar a memória subterrânea, ou memória marginalizada, como defende Michel POLLAK (1992; 1989). O emprego do método da análise cultural está na defesa do campo teórico dos Estudos Culturais Ingleses por meio da base epistemológica do Materialismo Histórico e Dialético. Essa definição vem reafirmar que a historicidade, longe de ser elemento accidental, é fator imanente para a análise teórico-metodológica do contexto da realidade social em que o sujeito mergulha na produção da consciência.

2 - Memória do Jornalista

A periodização histórica para analisar o sujeito jornalista precisa ser contextualizada para entendermos as reflexões expostas neste artigo. O mergulho introdutório para compreender as mudanças inscritas nos cursos é que nessas duas décadas do século XXI, para delimitarmos somente o tempo presente, vivemos um momento histórico em que parte das políticas públicas em conveniência com setores da sociedade defendem o incentivo ao ensino pragmático. Esse ensino está voltado especialmente, ou com ênfase, à capacitação profissional dos estudantes instado pelo impulso das tecnologias da informação e comunicação (TICs).

A reflexão presente neste artigo é um importante exercício no sentido de perceber as consequências trazidas pela priorização ou abdicação deste modelo pragmático educacional. A área do jornalismo possui ténue campo que demarca a linha divisória de confronto entre essas duas frentes. Há quem defenda que o curso deva sair do interior da formação denominada “Comunicação Social” para somente jornalismo; há quem defenda o contrário. Este debate, muitas vezes, deixa de considerar todo o macroambiente do jornalismo, desconsiderando frequentemente a realidade enfrentada pelos estudantes formados ao entrarem no mercado de trabalho. Esta discussão, portanto, não coloca em questão apenas uma nomenclatura, mas uma gama de conceitos, vivências, ideias e teorias.

Tais discussões sobre a presença de componentes práticos e teóricos nos cursos de jornalismo não são recentes. O ensino de jornalismo tem passado por transformações ao longo dos anos, principalmente após ter se “profissionalizado” no século XX. No Brasil, esteve fortemenete influenciado pelas correntes europeias até o período da ditadura militar, quando se aproximou mais do modelo estadunidense.

A atividade jornalística é comercial e burguesa desde sua origem, em Gutemberg. Entretanto, com o advento do *Jornalismo Informativo* no Brasil instaurou-se o processo de profissionalização da área. O fechamento do mercado de trabalho em jornalismo vinculou o exercício da profissão aos portadores de diploma universitário. A demanda por jornalistas com formação universitária era procedente de uma orientação americana da nova técnica de se fazer jornalismo. Contudo, as universidades brasileiras possuíam uma estrutura europeia de ensino. Desta forma, os cursos de formação em Jornalismo foram estruturados em dois eixos de ensino: o técnico e humanístico. (DIAS, 2012, p. 7)

Em que momento a hierarquização da prática sobre a teoria vislumbrando uma lógica de mercado define os graus de conflito enfrentados pelo sujeito na sua construção prática como jornalista? Este é um ponto de inevitável convergência das reflexões que este artigo irá descrever ao considerar as entrevistas que revelam, dentre outros aspectos, as consequências da dissociação da teoria e da prática na construção dos profissionais que ocupam, hoje, cargos jornalísticos (tanto em emissoras de TV, quanto em emissoras de rádio, mídia impressa, mídia online e assessorias de imprensa). E ao visualizar como elemento de análise as mudanças nas disciplinas se atinge o aspecto de refletir sobre os atuais currículos dos cursos de jornalismo e o processo, pelo qual estão passando, de reformulação de suas propostas curriculares.

O jornalismo não é, e possivelmente nunca será encarado como uma ciência. (...) Não se faz nenhum tipo de concessão ao admitir que o jornalismo comporta uma dimensão técnica, mas isto não significa ruptura com a teoria. O jornalismo tem tudo a ganhar em contato com um saber comunicacional, tal como este também tira proveito desse contato, na medida mesmo em que alimenta boa parte do material de sua reflexão. Essa relação entre comunicação e jornalismo (e mesmo com as outras habilitações profissionais, já que não se trata de um caso isolado) relança o problema da epistemologia da comunicação, não a nega (MARTINO, 2006, p. 29).

Não me deterei aqui neste artigo para esses fatores expostos que transpassam a reflexão acerca da formação jornalística e sobre os componentes curriculares desse processo. O ponto central aqui será alcançar a discussão que expõe os dilemas sobre a própria constituição dos sujeitos enquanto jornalistas, seja a partir de seu conhecimento intelectual, seja por suas experiências, seja pela sua prática cotidiana.

O primeiro aspecto que leva a mergulhar na memória dos jornalistas está na própria concepção das perguntas formuladas como problema vivido. E o primeiro dilema, realizado na entrevista da pesquisa, está no convite de reconstruir pela memória os impasses que o conduziram até a efetivar a primeira decisão de cursar graduação em Jornalismo. A maior parte dos entrevistados relatam essa tensão e estado de conflito neste momento decisivo em que se efetiva, não meramente uma matrícula, mas a concessão de olhar a realidade a partir de outro horizonte.

Para exemplificarmos os aspectos que estão aqui em debate vou utilizar duas entrevistas da pesquisa para identificar como os conceitos de memória se edificam na complexidade do cotidiano. A definição realizada pelos entrevistados para cursar jornalismo permite revelar a análise de quem exterioriza de forma crítica o dilema no seu processo de formação. E ao revelar o não-dito, o sujeito necessita articular a coerência do ato do presente ao passado para indicar, seja para si mesmo, seja para justificativa social, a linha de percurso que será compreendida como constitutivo da identidade. Para fazer o contraponto temporal, defini então por um recém-graduado e outro com mais tempo de formação.

O primeiro entrevistado trata-se da jornalista Renata Neiva, graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no período de 1984 a 1988. Como ela faz questão de frisar, estava na universidade no finalzinho da ditadura militar (1964-1985). Renata explica os impasses que a acompanharam na primeira decisão para efetivar a matrícula no curso de Jornalismo.

Eu acho que como todo jovem eu tive muitas dúvidas se eu queria fazer comunicação mesmo, fiquei em dúvida entre medicina, engenharia, arquitetura, comunicação... mas o que pesou foi o gosto pela leitura, pela escrita, gostar de gente, de conversar, curiosidades pelas pessoas... isso foi o que pesou pela escolha do curso. Principalmente por gostar muito de escrever e uma brincadeira que eu tinha desde criança quando eu ganhei um gravador grande, na época denominado 'juruna', por causa de um deputado indígena que tinha esse gravador no congresso e eu tinha mania de gravar entrevistas com as pessoas, ainda na pré-adolescência. E aí eu acho que isso pesou também, porque eu tinha vontade de entrevistar as pessoas e de escrever sobre essas entrevistas. (ENTREVISTA, Renata Neiva, 2016).

Os conflitos que ora se voltam para articular cursos em áreas tão diferentes só pode ser explicada pelos interesses dos mesmos sujeitos que o percorrem em sua experiência vivida. O que para alguns soa como contradição, para o outro se apresenta como percursos em que percorre dois caminhos: o primeiro está na fase de reconhecer que essas áreas díspares perpassam de alguma forma o seu ser e por isso pode ser levada à concretude do pensamento que ela poderá materializar a potencialidade do que ele se reconhece como pessoa.

O segundo momento está em definir somente um desses caminhos. E aqui vem a primeira problemática teórica. Qual a referência para definir o percurso da vida diante dos elementos que considera todos com coerência? É este o primeiro momento em que o sujeito precisa movimentar o passado em busca daquela concretude que justifica a decisão do presente. Para a entrevistada Renata Neiva, ganhar a bolsa de estudo no cursinho, o reconhecimento de ser estudiosa somado a pressão externa para cursar medicina levou ao estado de conflito de seu ser até o último instante do primeiro ato:

Mas eu me lembro que na época não tinha internet e a inscrição era feita na pró-reitoria de graduação da UFJF e o campus da universidade é bem afastado da universidade. E nós ficávamos em uma fila para fazer inscrição. Eu fiquei muitas horas nessa fila com o papel de inscrição na mão. E eu deixei muita gente passar na frente e acabei optando por comunicação. Assim: na hora pesou mesmo esse gosto pela leitura e pela escrita. (ENTREVISTA, Renata Neiva, 2016).

O recém-formado jornalista Erivelton Damião Rodrigues relata na mesma dimensão aflitiva o dilema. A sua narrativa explica que a vinda para Uberlândia, então com 19 anos, o levou primeiro a cursar filosofia. A justificativa para os dois anos neste curso estava mais na perspectiva de ser docente e por ser um curso que estava dentro de suas possibilidades financeiras. Mas a abertura do curso de Jornalismo na Faculdade Católica de Uberlândia o levou a repensar o caminho. E, nesta redefinição, a memória precisa reformular e refazer as experiências de vida para traçar na decisão do presente o sentido do ato de deixar a Filosofia para entrar no curso de Jornalismo.

Há muitos anos assim, tipo, eu era criança, eu pensava em seguir pro lado de docência e tal. Mas, na adolescência, eu já enxergava a possibilidade de cursar jornalismo. Eu estudava em uma escola pública estadual. Houve uma tragédia e aí, ali com 15, acho que menos um pouco, menos, uns 14, 13 anos, eu escrevi o primeiro texto jornalístico. Era criticando uma falta de uma duplicação na BR 050. Na época morreram 11 pessoas e umas 8 eram do meu colégio. E aí, esse texto, a gente o utilizou na escola só, num mural, a gente estava indignado com a situação, que a duplicação não saía... e alguém da escola, da direção da escola ali, fez com que esse texto de alguma forma fosse parar no jornal de Uberaba. Eu morava lá. E aí eles

publicaram o texto na íntegra, tal, ali eu já vi que era por ali que eu ia seguir, que eu gostava daquilo: dos noticiários, de dar opinião sobre o que estava acontecendo, enfim... E aí foi meu primeiro texto. (ENTREVISTA, Erirelton Damiano dos Rodrigues, 2016).

Os dilemas dos sujeitos e a sua luta para se manter coerente tem outra reconfiguração depois do momento do ato da matrícula. E esse aspecto está subscrito na pergunta da entrevista que busca defrontar qual a perspectiva de realizar o curso de graduação. Poderíamos considerar que há determinado peso na perspectiva sobre o curso em mesma medida que o sujeito toma a decisão de deixar outros cursos para percorrer o matriculado? Para onde são direcionados àquelas outras potencialidades que interligam os sujeitos em propostas hoje consideradas díspares por ele como engenharia, medicina, arquitetura e filosofia?

Quando optou por deixar a filosofia para o Jornalismo, Erirelton Damiano não tinha ciência de que seria a única turma formada em jornalismo da Faculdade. Ele responde que teve se defrontar com a visão romântica do ser jornalista, indício que pode ser apalrado, entre outros itens, para a justiça aplicada como instrumento de resolver indignação pública do seu primeiro texto jornalístico, redigido aos 13 anos. Pois é preciso sempre se questionar de onde nasce esse sentimento que nos remete a perspectiva senão em elementos que estabelecem sentido à realidade.

Então, eu pensei que ali eu ia receber pelo menos a essência da coisa, de como lidar, de como fazer, umas questões éticas. A gente tem uma visão muito rasa quando né, você só quer fazer, uma visão muito romântica. Eu pensei que a gente ia ter um direcionamento do que podia fazer, de como que ia fazer... em parte, tive, é... mas eu tive um.. no meu caso é uma questão acho que a parte do mercado geral, a gente teve um problema com o nosso curso, na época, na faculdade (ENTREVISTA, Erirelton Damiano dos Rodrigues, 2016).

O anseio pela profundidade do jornalismo tinha que se superar em esforço teórico e prático para ao final do processo ter elementos para considerar se o curso foi bom. A imediatividade da faculdade traz consigo o pensamento da ausência de vestes para se expor ao mercado. Será que a crise da universidade se reflete no mercado de trabalho? A primeira reflexão crítica de Erirelton esteve no enfrentamento da experiência vivida sobre a crise daquele presente. Não seria exagero aproximar a indignação dos 13 anos, agora transposta para outro espaço, como indicativo para considerar como crítica este ato de entender que a faculdade deve ser tratada com peso maior de ser uma lógica de consumo.

Não sei se reflete o mercado, na verdade a universidade que tem por aí, mas no nosso caso foi um curso problemático... então tinha uma expectativa e ela não foi atendida, assim, da forma que a gente pensou que fosse. Mas era um problema da faculdade, de investimento no curso, o curso acho que não foi visto da mesma forma que a gente via pela gestão, é, não teve o investimento que a gente esperava, mas o que não impediu que a gente lutasse pra que desse certo e viesse pro mercado depois lutar pelo nosso espaço e tal (ENTREVISTA, Erivelton Damião dos Rodrigues, 2016).

Há uma contradição aqui exposta e que está relevada ou submersa no conceito de investimento. A mera descrição do depoimento de Erivelton considera a diferença de entendimento do valor do jornalismo entre o rumo do curso e o horizonte dos jornalistas em formação. A luta tem início para ser formado e poder estar ciente de que o reconhecimento de ter se constituído como jornalista lhe será um momento de estar preparado para o mercado. Ele reconhece que a Faculdade é boa, tem cursos bons, e que o acontecido com o jornalismo foi pontual. Mas nada disso alivia o impacto que sofreu quando entrou na redação e descobriu, em outra realidade, que o conhecimento produzido na universidade era insuficiente para esse outro dia a dia.

Eu acho que apesar de tudo, apesar das dificuldades, do sofrimento que foi formar lá, é, tinham alguns professores que faziam valer a pena né? Que traziam conteúdo que valia a pena e que iam somar aqui no mercado depois. É... que a gente guarda umas coisas, alguns conselhos, né, até hoje. Mas faltou muita coisa de prática, por exemplo, é.. e que fez falta. Quando eu cheguei na redação eu falei “nossa, onde que eu to?” e eu acho até que faz falta mesmo pros que tem um laboratório bacana e que tentam ali, praticar de alguma forma. (ENTREVISTA, Erivelton Damião dos Rodrigues, 2016).

A revelação de estar em algum lugar distante do que se efetivou na academia leva, no primeiro momento a uma análise do percurso pessoal. Mas em seguida se direciona para um todo, em que a própria teoria é colocada em análise de ser, em sua própria natureza constitutiva, insuficiente para que o formando atinja a sua totalidade. Ou, em outras palavras, deixar o discente pronto para o mercado de trabalho.

Acho que qualquer profissional, você chega no mercado, é outra coisa, assim, é um pouco diferente ou muito diferente, você não vai, ah, chegar e achar que já tá pronto ali... Mas no meu caso, por a gente ter essas dificuldades, ai foi muito difícil, foi um choque muito grande, mas mesmo assim, a gente ainda teve um conteúdo que valeu a pena, pela luta, pela garra de alguns professores que fizeram valer a pena e que a gente carrega até hoje. (ENTREVISTA, Erivelton Damião dos Rodrigues, 2016).

A luta de Erivelton inicia em sua formação acadêmica para depois se estender no mercado tendo como sempre o aliado a memória coletiva. Como mesmo cita os autores que utilizo para esse conceito chave, tanto Ecléa BOSI (1994) quanto Michel POLLAK (1992; 1989) utilizam-se da concepção de HALBWACHS (1990) de que a memória da pessoa está ligada à memória do grupo e das relações sociais que construímos. Esse processo modifica a percepção de memória e de realidade devido às diferentes relações sociais.

E não há como despertar para essa concepção da memória ao ratificarmos o conceito de BOSI: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição” (1994:55).

Assim, a memória deveria ser entendida “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” (POLLAK, 1992: 201), pois é ela que constrói o sentimento de identidade, individual ou coletiva, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992: 204).

Quais são os materiais que estão à disposição de Erivelton no presente e que o remete ao pensar a sua formação, o choque na redação do não estar pronto para o mercado? Certamente é o que parece que a resposta a entrevista veio com este refazer o passado diante do que se projeta e se aceita como ser jornalista no presente. E como esse processo acontece com a jornalista Renata Neiva.

Eu cheguei no terceiro período e cheguei a trancar e fiz vestibular para economia e passei aí depois eu voltei, cheguei a ter uma indecisão. Eu não cheguei a fazer matrícula em economia, mas eu cheguei a trancar um período que foi antes de chegar as disciplinas de jornalismo. (ENTREVISTA, Renata Neiva, 2016).

As horas na fila diante do estado de tensão para definir pelo caminho do jornalismo, diante da possibilidade da medicina, não a deixou na elaboração da perspectiva e dos primeiros anos de curso. Como é possível avaliar o currículo quando o sujeito manifesta que o entusiasmo inicial passa para a inquietação por não apresentar disciplinas de Jornalismo? Isso significa, como angustia Renata, que a estrutura curricular aplicada na prática deixava obstáculo para que os discentes pudessem visualizar a profissão. Esse é o aspecto inscrito no dilema manifesto da jornalista.

Meu dilema era que estava demorando para acontecer. Mesmo assim, eu não via a profissão mesmo. Estava muito teórico, muita discussão na área de humanas, bons professores, mas assim, cadê? Eu queria fazer jornal, eu queria colocar a mão na massa, eu já entrei no curso para ir para o mercado e eu não via nada disso. A gente não via os laboratórios, a gente ficava afastado do outro lado do campus, o campus lá é único, é um campus só, enorme e a gente ficava do outro lado. Então ia dando uma ansiedade muito grande até essa desistência depois eu resolvi voltar. (ENTREVISTA, Renata Neiva, 2016).

A decisão para permanecer no curso a leva hoje a identificar aspectos que deixaram de ser tratados no curso, cuja falta se sente na redação, e outros que marcaram como positivo.

Nós tínhamos uma professora Maria Lúcia Cardoso que era muito boa, que ensinou a fazer lide, sub-lide, e ela falou: o lide não é tão simples assim e a gente ficou seis meses fazendo aquilo. Ela falou que um bom profissional sabe fazer isso pois depois a pessoa se forma e não sabe fazer. E a gente ficou muito tempo fazendo e refazendo porque ela falou que aqui está a matéria, ela mandava a gente refazer fazer refazer fazer refazer refazer. E aquilo, às vezes, dava uma frustração, uma raiva, mas hoje eu entendo o porquê daquilo. Ela colocava no quadro os sinônimos dos verbos pra gente usar, sabe, era um exercício de refazer fazer refazer fazer e era na máquina de escrever. Você embolava o papel joga no lixo e tinha que fazer de novo. (ENTREVISTA, Renata Neiva, 2016).

A descrição da jornalista revela que o ensino aprendido em uma máquina de escrever, no procedimento metodológico do refazer e refazer a levou depois de um bom tempo a identificar o quanto essa prática lhe ajudou no mercado de trabalho. É importante entender como a descrição, em que inclui o nome do professor, define o momento em que a graduanda passa a se encontrar com aquilo que almeja na profissão.

3 – Considerações Finais

Se por alguma razão o ato de refazer se ressignifica como distante da contingência de reforço behaviorista, em que o treinamento se assemelha ao técnico, é porque a teoria passou na história de Renata Neiva a ter um peso diferente para atuar na profissão. A jornalista, atual doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFU defende que o presente lhe possibilita entender a importância da teoria no trabalho. Não é sem motivo que um dos desafios expostos da carreira foi implantar a assessoria de imprensa no Hospital de Clínicas da UFU. A discente que deixou de fazer medicina para cursar jornalismo, passou a conviver com médico para poder entender todo o contexto.

Já o sonho de ser professor, Erivelton está em processo. No segundo semestre do curso de Letras, ele revela que está no presente o caminho de concretizar o sonho de 13, 14 anos. Mas, como problematiza, deixa claro que esse passo não significa que irá deixar o jornalismo. Pelo contrário: Letras resolve o problema de formação acadêmica e ao mesmo tempo o coloca como docente.

Em outro artigo sobre esta pesquisa² já havia justificado como construção conceitual o que é entrevista. O posicionamento teórico, reforçado aqui, é que a entrevista é a construção crítica possibilitada na relação entre sujeitos que mergulham na realidade histórica do processo comunicativo por meio do conflito da experiência vivida. A entrevista se estrutura no tempo de concessão de vida em que entrevistado e entrevistador definem como valor para existência em determinado espaço social. Essa relação entre os sujeitos conduz a nova dimensão no movimento do conhecimento sobre determinada realidade. Em todos esses movimentos do passado, é a memória que se efetiva no presente como produção de sentido do passado.

Conceituar entrevista aqui permite considerar que a orientação do diálogo com o entrevistado se estabeleceu pela Análise Cultural. É possível identificar em cada depoimento como a historicidade do sujeito está distante de ser considerado periodização. A história então assim contextualizada leva o sujeito a problematizar os caminhos de sua própria existência e desvela momentos em que a coerência se escorrega pelas mãos. E é na refazer o caminho do passado que o sentido da experiência vivida toma força e permite o movimento do significado do sujeito no presente.

4 – Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. V. 1 Trad. Sergio Paulo Roaunet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio da relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

² SOUSA, Gerson de. **A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista**. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, setembro de 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Graça. **Mídia e Memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano**. In: BEZZON, Lara Andréa Crivelaro. Comunicação, política e sociedade. Campinas (SP): Editora Alínea, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997

_____. **A Cultura no Plural**. Campinas (SP): Papyrus, 1995.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DIAS, Robson. Comunicador Social ou Jornalista? A estruturação do conhecimento profissional do jornalista em cursos de graduação. *Revista Brasileira de História da Mídia*, Porto Alegre/ São Paulo, v. 1, n. 2, p 139-150, 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Ed. Autentica.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende ...(et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LIMA, Raquel Sousa. O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência. *Revista Cantareira*, História da UFF, 2004, 8 edição on-line.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver médios y mediaciones. **Médios**, mediaciones y tecnologías, N. 41, v. 21, Julio-diciembre 2002.

_____. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINO, Luiz C. **Os cursos de teoria da comunicação à luz do jornalismo**: obstáculos e impropriedades das posições tecnicista e intelectualista. *Líbero*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 21-29, 2006.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Editora Ática, 1986.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15

_____. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-215

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

SOUSA, Gerson de. **A produção de sentido no processo comunicativo: a construção da entrevista como conflito na memória e identidade do sujeito jornalista**. Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, setembro de 2015

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.